

Data: 07.08.2021

Título: 70%. Não se pode falar já em imunidade de grupo

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5



70%. Não se pode falar já em imunidade de grupo

Covid Portugal atingiu ontem o número mítico dos 70% de vacinados com uma dose. Mas o cálculo da imunidade mudou... Destaque, 4 a 7



Área: 834cm² / 29%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 7197718



Mortalidade deverá manter-se elevada

O relatório *Monitorização das linhas vermelhas para a covid-19* da DGS e do Insa, ontem divulgado, resume assim a situação da pandemia no país: a actividade epidémica mantém-se com "elevada intensidade, com tendência decrescente a nível nacional, mas ainda crescente nas regiões Centro e Alentejo". A pressão sobre os cuidados de saúde "dá indicação de estabilização ou início de diminuição". A mortalidade manter-se-á provavelmente elevada nas próximas semanas, "dado o aumento do número de casos acima dos 80 anos" — "a 4 de Agosto, registou-se um valor de 16,4 óbitos em 14 dias por 1 milhão de habitantes, valor superior ao limiar de 10 óbitos em 14 dias por milhão de habitantes, definido pelo Centro Europeu de Controlo de Doenças". O número de novos casos de infecção por 100 mil habitantes, acumulado nos 14 dias anteriores, foi de 357 (480 no Algarve).

70% já têm uma dose da vacina, mas não se pode falar em imunidade de grupo

Os cálculos da imunidade de grupo tiveram de ir sendo alterados, à medida que foram surgindo novas variantes do vírus, mais transmissíveis. O número mítico — 70% — está completamente desactualizado

Alexandra Campos

A meta de ter 70% da população vacinada contra a covid-19 com pelo menos uma dose foi atingida ontem, antes mesmo da data projectada. É uma boa notícia, mas estamos longe de poder respirar de alívio, até porque a associação deste número mítico ao conceito de imunidade de grupo está completamente desactualizada. Esta meta tem, aliás, vindo a ser esticada sucessivamente com o aparecimento das novas variantes e já se admite a hipótese de que nunca chegue a ser atingida, sequer. Como os especialistas não se cansam de explicar, ter 70% da população vacinada, mesmo com as duas doses, não é suficiente para travar totalmente a circulação do SARS-CoV-2.

"A imunidade de grupo é a situação em que está tanta gente protegida que, mesmo que o vírus circule, não consegue originar cadeias de transmissão sustentadas", explica o professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa Manuel Carmo Gomes. O epidemiologista dá o exemplo do sarampo. Foi necessário "sustentar coberturas vacinais da ordem dos 95 a 98%, anos após anos, durante décadas, para se chegar à situação actual em que ainda surgem pequenos surtos" que, no entanto, desaparecem rapidamente.

A imunidade de grupo foi calculada com base no R0, o número de casos de infecção originados a partir de um caso confirmado. E o R0 inicialmente estimado em Portugal oscilava entre 2,1 e 2,5, segundo os cálculos efectuados por duas equipas independentes, uma da Faculdade de Ciências de Lisboa e outra do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (Insa), recorda Carmo Gomes. Foi com base nesses valores que os especialistas colocaram, então, a fasquia nos 70%.

Desde essa altura, porém, muita coisa mudou e as contas tiveram de ir sendo alteradas, à medida que foram surgindo novas variantes do vírus, mais transmissíveis e que, por isso, se foram tornando dominantes — primeiro, a Alpha, e agora a Delta. E o R0 recalculado com a variante Delta está estimado entre 5 e 6, sendo até 7 no Reino Unido, nota Carmo Gomes. São valores parecidos com os de doenças como a varíola e a poliomielite (R0 de 5), a rubéola (R0 de 6) e a varicela (7 a 8), específica.

Com base neste "recalcular para a variante Delta, estimou-se então que não conseguimos atingir a imunidade de grupo com uma percentagem de população protegida inferior a 85%". A pior notícia é que, provavelmente, "ainda vamos precisar de mais", assume. É que, apesar de as vacinas conferirem uma protecção muito alta contra a doença grave, contra a infecção, a protecção oscila

Data: 07.08.2021

Titulo: 70%. Não se pode falar já em imunidade de grupo

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5



“entre 80 a 90%”. E, se mesmo vacinados, continuarmos a transmitir o vírus, poderemos nem chegar à imunidade de grupo. “Eu estou optimista, mas não temos a certeza”, remata.

O imunologista Luís Graça prefere não falar de percentagens, até porque a imunidade de grupo depende de vários factores que podem fazer com que essa percentagem varie. “Não é útil pensarmos em percentagens porque a meta não é um número. Não há ninguém que consiga calcular um número com rigor”, diz o investigador do Instituto de Medicina Molecular.

O que interessa destacar, defende, “é que estamos a ir na direcção certa e que somos um sucesso na aceitação vacinal em diferentes grupos etários”, o que nos permitirá ficar “numa situação melhor do que a de outros países”. “Se o RO estiver acima e a efectividade abaixo de determinados valores, não conseguiremos atingir a imunidade de grupo, mas, mesmo não a atingindo, conseguiremos voltar a ter uma vida normal”, diz. E “a redução da transmissão para podermos ter uma vida normal” é que deve ser a nossa meta, enfatiza.

O certo é que o uso deste termo associado a uma percentagem fixa criou grandes expectativas em todo o mundo. Mas o medo de que desse origem a uma falsa sensação de segurança tem levado especialistas a pô-lo de parte. Anthony Fauci, médico imunologista e conselheiro da Casa Branca, é um deles: “As pessoas estavam a ficar confusas e a pensar que nunca mais iriam ficar infectadas quando chegassem a este nível mítico da imunidade de grupo. Foi por isso que deixámos de usar o termo no seu sentido clássico.”

Por cá, o coordenador da *task force* responsável pelo plano de vacinação em Portugal, Henrique Gouveia e Melo, também foi optando, nos últimos tempos, por usar cada vez mais a expressão “protecção de grupo” em vez de imunidade de grupo. Ontem, Gouveia e Melo sublinhou, aliás, que 70% “já não é um objectivo” e repetiu que a meta agora é ter, até Setembro, “toda a população elegível para a vacina com a primeira dose”. Nesse sentido, adiantou, vamos ter uma média superior a 100 mil doses administradas por dia, já na próxima semana. Portugal vai receber um reforço de mais de meio milhão de doses de vacinas nas próximas semanas, num “esforço” para “dar a última pancada ao vírus”, ilustrou.

Numa mensagem de vídeo, o primeiro-ministro, António Costa, fez questão de assinalar a meta atingida em Portugal dos 70% da população vacinada com pelo menos uma dose, que considerou um “marco muito importante” no processo, “decisivo” para outras metas que se seguem: chegar aos 70% da população com a vacinação completa até ao final deste mês e, até final de Setembro, alcançar os 85%.

Área: 834cm² / 29%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7197718